

A Temática Ambiental na Sociedade Contemporânea¹

*Gerd Bornheim**

O meio ambiente pertence à condição humana, não é uma realidade que se acrescente ao homem a partir de fora. Aparentemente é isso, eu estou aqui e a árvore está ali. Mas, em verdade, essa aparência engana. O homem, a realidade humana, como se prefere dizer hoje, é constitutivamente ambiental e essa constituição do homem enquanto ambiental oferece duas características iniciais que devem ser lembradas aqui. Primeiramente, repito, o homem é necessariamente um ser ambiental. Ele não pode viver sem o meio ambiente, ele é universalmente um ser no meio ambiente, não pode jamais prescindir do meio ambiente. Isso pertence à própria condição humana. O homem não pode ser entendido, simplesmente como fazia a tradição, como um animal racional.

Daí começa uma série de conflitos. Eu diria, em segundo lugar, que essa relação do homem com o meio ambiente se fez sempre de um modo quase ocasional. Houve época em que o homem vivia dentro da natureza exuberante e embora nem sempre tenha sido assim, não havia um problema maior de conflito entre ele e o meio ambiente em que vivia. De repente começaram a surgir os conflitos (e desses conflitos é que eu quero me ocupar daqui a pouquinho) e a relação do homem com o meio ambiente se fez um problema, passou a ser um drama. Ela se investiu de uma dramaticidade toda peculiar em que hoje vivemos.

Chegou-se ao ponto em que, hoje, o meio ambiente é assumido como problema e então passa a integrar a cidadania, a dimensão social e política do homem, como problema a ser resolvido aqui e agora.

Para demonstrar a pungência desse problema, gostaria de chamar a atenção para uma experiência que tive em Cuiabá, anos atrás. Eu fiz a minha primeira conferência sobre Ecologia a convite do Ministério de Ciências e Tecnologia em um Encontro Internacional, que houve em Cuiabá.

Confesso que não escrevi muito sobre Ecologia

* Professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

¹ Transcrição da conferência de abertura proferida no dia 29/7/01. Foram feitas pequenas alterações, do ponto de vista formal, com o intuito de tornar o texto mais fluente. A conferência na íntegra encontra-se no CD que acompanha a Revista.

não, devo ter meia dúzia de artigos, todos mais ou menos breves, uma coisa muito modesta. No entanto, são os únicos filosóficos escritos no Brasil. E já anuncio, então, se me permitem complementar, que esses ensaios vão sair em uma seção de um livro novo que estou preparando, deve ser lançado em breve, provavelmente pela Editora Vozes, chamado *Vária Filosófica*. (Já estou conquistando leitores, fazendo propaganda de mim mesmo, evidentemente). (*risos*). Mas, penso que é uma colaboração filosófica importante, além de ser a única que existe em língua portuguesa escrita no Brasil.

Mas, em Cuiabá, como eu estava dizendo, tive muitas experiências interessantes. A gente vai para aquele lado pensando logo no Pantanal, que é fantástico e dramático também, de todos os pontos de vista aliás, mas fiquei encantado com a Chapada dos Guimarães. Recebi um impacto de uma violência, para mim, de certa maneira, totalmente revolucionária, sobre a questão ambiental, porque a Chapada, não sei se vocês sabem, mas devem saber disso, ocupa um lugar estratégico no contexto sócio-geográfico do Brasil. É uma paisagem deslumbrante a da subida até a Chapada. É extraordinária, fantástica, uma riqueza realmente excepcional. Recomendo muito esse passeio para quem ainda não o fez. De repente chega-se a um descampado imenso, uma paisagem extraordinária, das mais lindas que já vi na vida. Só que logo começaram as decepções, porque a Chapada é dominada, hoje, por imensas plantações de soja. E no meio das plantas de soja, a gente vê, ao longe, correndo, emas enormes, parecem desesperadas até. Fiquei desolado quando percebi aquilo, principalmente porque a paisagem não era originariamente daquela maneira, no entanto, encontrava-se assim, devastada, porque planta-se soja, que pressupõe, para que seja plantada, o desmatamento; e foi isso que aconteceu.

Eu lembro, para mostrar a gravidade do problema, que a Chapada dos Guimarães é, nada mais nada menos, que o berço hidráulico do Brasil. Quer dizer, é de uma importância a Chapada, que, de fato, não pode ser posta em dúvida e, no entanto, toda essa imensa Chapada foi devastada para que se plantasse soja.

Por meio desses exemplos particulares que estou

dando aqui para vocês, pretendo que compreendam a complexidade fantástica do problema do meio ambiente no Brasil, e não só no Brasil. Há um fato estarrecedor para mim: (meu pai era alemão, minha mãe brasileira) a existência, no sul do país, dessas fazendolas, são pequenas fazendas, bem divididas, minifúndios, digamos. Na porteira tem sempre uma tabuleta com o nome do proprietário que é sempre alemão ou italiano. Isso confunde muito a minha cabeça, porque a questão se complica com outro problema que permite entender a vastidão e a dramaticidade da questão ambiental. Ela se complica com o fato da imigração, no sentido de o imigrante ter sido arrancado da terra dele. A imigração italiana, por exemplo. (Desculpem-me por perder tempo com uma questão tão prática. Eu sou filósofo, vocês, provavelmente, discutem essas coisas muito mais do que eu, é claro).

O italiano veio como imigrante para as Américas, a partir da Revolução da Máquina, na Itália. A Alemanha é um caso mais complicado, mas também passa por aí. Mas a Itália é um caso clássico. Eles mecanizaram a lavoura e, simplesmente, sobrou gente e não sabiam o que fazer com essa gente, que era trabalhadora, séria, acostumada com a terra, muito aferrada à terra, à língua. Esse aferro à terra, fundamental no caso, de repente foi cortado. Eles tiveram de se defrontar com novas paragens, nova língua, novos hábitos, novos costumes, todo mundo diferente e novo, novo clima e veio um processo de desadaptação, que foi quase fatal. Uma pessoa que imigra, para poder se adaptar mais ou menos rapidamente, tem de ter, para usar uma palavra de Freud uma certa flexibilidade existencial, tem de adaptar-se com facilidade, mas não é isso que acontece com o comum dos mortais, absolutamente. O comum dos mortais é impiedoso, a pessoa não pode ser desenraizada dessa maneira; além disso, tem-se de pensar, no caso da imigração para o Brasil, que eram pessoas muito simples, todos analfabetos, que não trouxeram nenhum apoio cultural da Europa, da Itália no caso. Como é que essas pessoas podiam, de fato, reconstruir, começar a vida através desse corte tão radical?

E o mais curioso ainda é que pouco tempo depois, no rádio, por acaso, nem foi na minha casa, eu ouvi uma entrevista do Lutzemberger, que vocês devem conhecer muito bem, também descendente de alemães, e ele tocou justamente nesse problema, que tanto tinha me impressionado lá na Chapada dos Guimarães. E ele, muito polidamente, muito elegantemente, sem a minha brutalidade

aqui, expôs a própria família como exemplo, como filho de alemães, falando sobre esse problema de adaptação.

Esse problema da adaptação é tão complicado que gera qualquer coisa como uma vingança, um conflito do homem com a terra. Ele não se prolonga mais na terra, como se prolongava na origem. Então surge esse conflito, que está profundamente enraizado no trigo, na uva, em tudo o que se come, que se bebe. Surge nesse conflito uma certa revolta, mas não uma revolta consciente, uma revolta construída e calculada. É uma revolta surda, que se faz nas entrelinhas, mas vai adquirindo terreno, vai-se expandindo. Quer dizer, quanto tempo leva o imigrante, o filho de imigrante, o neto de imigrante, o bisneto de imigrante para se adaptar a novas paragens? Esse exemplo é fantástico, porque mostra, mais uma vez, como a questão ambiental está profundamente enraizada na condição humana. Mostra por sua vez, que essa condição humana é profundamente histórica. E com os portugueses? Será que foi muito diferente? Questões como essas, nem são analisadas, mas teria que haver um estudo desse tipo para analisar todo o elemento estrangeiro, a começar pelo português que se assenhoreou e tomou conta de terras alienígenas, de terras americanas de um modo geral. A imigração italiana ou alemã é mais recente, mas os problemas de adaptação continuaram, e de um modo muito sério. E nós temos que tomar consciência dessa seriedade, da importância do que eu estou falando aqui. A questão vai muito mais longe e, para muitos de nós, é uma questão que trazemos nas veias. Quer dizer, que a culpa não é do outro, pura e simplesmente, isso é uma ilusão. A coisa está toda encravada dentro de nós todos. A culpa nunca é do explorador, pura e simplesmente. É claro que passa inclusive por aí, e de um modo acintoso, mas, realmente, o problema tem dimensões completamente insólitas que agora apenas começam a vir à tona.

E como é que surgem conflitos dessa natureza, dessa amplitude? Vocês têm que pensar que as culturas do passado, todas as grandes culturas, eram essencialmente culturas fechadas, auto-suficientes, com sua língua, sua terra, seus costumes, sua culinária, suas danças, seu folclore, tudo afinal. E que, nos tempos modernos, essa é uma tendência geral, descobre-se o outro. Por exemplo, o outro pode ser qualquer coisa como o “bom selvagem”, como o índio da Bahia, como o Pataxó. Esse outro, quando ele começa a se fazer presente, é admirado pelo europeu, inclusive, como o que ocorreu com os descobrimentos, o do Brasil, por exemplo. E nesses descobrimentos, o

descobridor tem de se defrontar e de se adaptar, de fato, com a realidade do outro. Esse outro, essa alteridade passa a ser uma presença dentro da cultura ostentável. É uma cultura que sai de sua própria identidade para defrontar-se com o outro e, nesse defrontar-se é que os percalços, os conflitos e as dificuldades de adaptação acontecem.

A grande novidade, de certa maneira, e aí está uma das raízes do nosso problema, é justamente, a mudança de sentido que sofre o conceito de viagem nesse período. Por exemplo, um viajor, um peregrino medieval. Na *Idade Média* só havia dois tipos de viajores: o soldado, precipuamente o soldado que ia para a *Terra Santa* cuidar dos lugares santos em nome de Deus; e o peregrino, também em nome de Deus.

O peregrino partia de Paris, da praça da Sorbonne e ia até San Thiago de Compostela. Era uma viagem em que tinha que atravessar os Pirineus, que era feita na base do canto e da glória de Deus. No entanto, eles quase perdiam os pés, de tanto sangue que perdiam na caminhada. Vejam bem o sentido que tinha essa viagem. O peregrino partia do dado da fé e chegava ao dado da fé para confirmar a fé que já tinha e reconhecer a verdade daquilo dentro do qual ele estava situado. É claro que era uma viagem contundente, uma penitência incrível, mas essa viagem ia do mesmo ao mesmo, digamos. Com os navegadores modernos a viagem muda de sentido: as experiências podem ter acontecido de diversas maneiras na história do homem, mas, de repente, têm uma intensidade dos tempos modernos que é propriamente inédita. É que, de repente, o Pedro Alvares Cabral, por exemplo, tem de defrontar-se com o outro, e não com o mesmo. Ele abandona o mesmo, de certa maneira, para defrontar-se com a alteridade quase em estado puro, o índio Pataxó, de Porto Seguro, na Bahia, por exemplo. Quer dizer, a viagem, então muda de sentido e passa a ser, precipuamente, a descoberta de uma alteridade que tem de ser bem compreendida, porque ela não se faz como uma criança que descobre uma caixa de bombons. Ela se faz através de conflitos mais violentos, das experiências mais inusitadas e tudo isso tem conseqüências gravíssimas. De certa maneira, toda questão ecológica parte também dela, daí porque a relação do homem com a natureza, do conquistador com a natureza, é feita na base do conflito, na base da exploração, não só de pedras preciosas, semi-preciosas, ouro e prata e coisas assim, mas também de madeiras, sobretudo de madeiras nobres. Há uma boa base de

encantamento também, que está registrada naquela belíssima literatura do século XVIII, que é parte integrante do chamado Gabinete de História Natural, na qual viajores da Suécia até a Península Ibérica, passando pela Alemanha, Dinamarca, França visitam o Brasil, as florestas brasileiras e escrevem aquilo tudo e fazem aquelas gravuras maravilhosas. Há, portanto, o aspecto do encantamento, da surpresa, da admiração, da submissão a essa natureza fantástica, mas tudo é permeado pela violência, pela exploração, pela ganância.

Quer dizer que a descoberta do outro se faz fundamentalmente através de uma dose muito forte de desequilíbrio e a questão ambiental, ainda hoje, quer me parecer, é conseqüência da freqüentação desse desequilíbrio por muitos caminhos, não ocorre de modo linear. A presença do outro, da alteridade, não é um presente, uma dádiva do céu, como o paraíso terrestre ou coisa que o valha. Isso desapareceu há muito tempo. Ao contrário, é o diálogo com o diferente de mim que se acrescenta a mim de alguma maneira. Eu passo a ser, de certo modo, outro que não eu. Surge essa temática inclusive na literatura, na poesia; eu não sou o outro. Isso vai se desenvolvendo e toda essa metamorfose fantástica está na base do mundo moderno.

O próprio mundo moderno, todo ele, busca, no fundo, ser outro que não ele mesmo, por exemplo, através da Revolução Industrial. E pressupõe uma transformação tão radical nas próprias estruturas da realidade e em todo modo ocidental de viver e conviver com a natureza, não no sentido estrito, mas de conviver com o céu e a pedra, de conviver com o outro, com as outras pessoas, de conviver com os mitos e com a palavra e isso passa a ser feito através de conflitos inusitados, porque tudo passa agora por um processo de transformação, que é muito, muito radical.

Eu poderia falar horas sobre isso. São problemas seriíssimos que tem raízes nos últimos séculos e quem está interessado em estudar a temática ambiental tem de saber. É claro que o indivíduo que faz ecologia prática se irrita comigo, porque acha que estou perdendo tempo. E estou! Eu estou perdendo tempo! O importante é salvar a árvore que vai ser derrubada na esquina.

Eu tenho um amigo no Rio que, quando vê estes cortadores de árvores da prefeitura, que vão podar as árvores, ele sobe na árvore, põe todo mundo para baixo e acabam todos na delegacia. E ele tem razão, claro que tem razão. Ele ri de mim, ele me respeita muito, mas ao

mesmo tempo diz assim: “Você perde muito tempo, você tinha que estar em cima da árvore. Daí você saberia realmente o que é Ecologia enquanto problema”. (*risos*).

Apesar de os conflitos serem urgentes, calamitosos, catastróficos, apesar dessa urgência, há necessidade de buscar saber qual é o espaço que sobra entre essa urgência e as dimensões possíveis que permitem entender essa urgência. Todas as dimensões (e são dimensões biológicas, dimensões antropológicas, dimensões históricas, geográficas, filosóficas), todas essas dimensões, de fato, têm de ser examinadas, estudadas, para que se possa esclarecer melhor a própria necessidade da urgência. Então, é a partir do entendimento da necessidade da urgência que eu me permito, aqui, fazer essas ponderações muito abstratas, talvez muito teóricas em relação ao problema do meio ambiente, respeitando, no entanto, a urgência, porque não se pode nunca chegar tarde demais.

Eu estava me lembrando agora, sabe do quê? De um tema de que eu nem iria falar, mas vou falar só dois minutinhos. É sobre uma carta de um filósofo francês do século XVII, Descartes. Ele tem tudo a ver com a nossa problemática. Descartes, a certa altura da vida, cansado da corte, cansado, não tanto da corte, mas da vida parisiense, resolveu ceder ao fascínio que sentia e mudou-se para Amsterdã, na Holanda.

Amsterdã, era o paraíso da permissividade, digamos. Era a terra da liberdade. Lá se fazia, por exemplo, lições de anatomia, aliás existe um quadro de Rembrandt que tem esse título. A Anatomia Patológica como disciplina só foi oficializada na Europa, na Universidade de Paris, por Bichat (Marie François Xavier), no fim do século XVIII, mas, no século XVII, já era praticada normalmente em Amsterdã e, por essas e outras razões, Descartes foi para lá. No fundo ele procurava um cenário para o exercício pleno da sua liberdade. Lá se podia pensar em *une liberté toute entière*, uma liberdade toda inteira. Por que isso?

Um dia ele recebeu uma carta de um amigo, Guez de Balzac (Jean-Louis). Esse Guez de Balzac inventou uma “bobagem”, (*risos*), inventou simplesmente a epistolografia, como gênero literário. Ele foi completamente esquecido pela História, no entanto escreveu cartas primorosas, que, aliás, tornaram-se um hábito na época. Ele se queixava a Descartes de que não agüentava mais aquilo que hoje poderíamos chamar de poluição humana, ou seja, o mundo da corte, as fofocas da corte, o rei que tinha de controlar tudo com a mão quase de ferro

para não ser morto, inclusive. Cansado disso tudo, de tanta intriga, de tanta mediocridade, tanta politicagem, como se diria hoje, ele afirmava a Descartes que pretendia retirar-se para um convento. “Meu amigo, não faça isso”, respondeu Descartes. “O convento é a mesma coisa, lá tem o abade e tem Deus por trás do abade e todo mundo sabe tudo de todos, não há segredos, todo mundo é transparente para todos, venha para Amsterdã, aqui a liberdade é plena” (*risos*). “Eu, por exemplo, caminho pelas ruas da cidade entre os ofertadores de mercadorias, (Amsterdã era o maior porto europeu da época), que cantam os seus pregões, é uma gritaria infernal, quase não se entende nada. São comerciantes e só pensam em seu lucro. Mas, eu penso, eu caminho entre eles, faço os meus devaneios e me sinto perfeitamente bem, sem nunca ser visto, *sans jamais être vu*. Nunca ninguém me vê. E nessa bela solidão é que eu exerço a minha liberdade”. Descartes se recusava a pensar pela inspiração divina e suas idéias têm tudo a ver com o individualismo moderno. Ele afirma, na sua obra *Princípios de Filosofia*, que a coisa mais importante que há no homem é o livre-arbítrio. Ele é o principal fundador filosófico do moderno individualismo. A liberdade é praticamente absoluta para Descartes; o homem é senhor de seus atos. Ele inventa a liberdade moderna, contra Lutero, contra a predestinação divina, contra os ignóbeis processos, que, aliás, acabara de perder, havia pouco tempo, Galileu Galilei, que foi obrigado a impor ao mundo a idéia de que a mentira pode ser uma virtude. Contra tudo isso Descartes acelera a existência da liberdade, mas vai procurar também o ambiente adequado, que é a cidade de Amsterdã, para poder exercer, de fato, a liberdade. Ele faz, nessa carta, o elogio da cidade, do seu encantamento com a cidade; apesar de a carta não ser longa, ele usa quatro vezes a palavra comodidade.

No fundo o que Descartes faz é o elogio, sem papas na língua, do que hoje se chama de sociedade de consumo, da grande cidade, da cidade moderna, individualista. A diferença entre a cidade antiga e a moderna está justamente nesse ponto. Na cidade antiga todo mundo se conhece, como disse antes. Atrás da janela sempre há alguém espiando, todo mundo sabe de todo mundo. Na cidade grande, ao contrário, o indivíduo sai da porta de sua casa, dobra a esquina, chega a outra rua e é totalmente desconhecido. Descartes, portanto, realiza em Amsterdã a experiência de uma solidão radical, nova, com prazer, de alguém que não está dentro da comunidade, dentro da coletividade, em que não é simplesmente aquele

que é visto por tudo e por todos e que é conseqüentemente controlado. Descartes foi criado por jesuítas. Os jesuítas, acho que foram eles, criaram uma pequena frase que punham nos colégios e ainda hoje põem: *Deus te vê*. Essa pequena frase, *Deus te vê*, é típica de cidade pequena, teologicamente pequena.

Na cidade grande que começa a surgir nessa época, o indivíduo é reduzido à si mesmo, à sua solidão, com uma curiosidade nova, (a palavra curiosidade aparece no texto de Descartes também), uma curiosidade que o leva a querer descobrir as coisas. Esse espírito novo começa a assenhorear-se do homem e inventa o homem moderno, que somos nós. E estamos aqui hoje. A cidade pequena está desaparecendo. Tem televisão demais, tem meios de comunicação demais. Tudo se faz comunicação, tudo se faz, por isso mesmo, muito mais anônimo. Então, o lugar, o espaço do indivíduo, começa a crescer também.

Foi Descartes quem levantou esses problemas. Além disso, o curioso é que ele, em sua filosofia, apresenta o pressuposto fundamental de toda a Ecologia, que é a dicotomia: sujeito x objeto. Esse é outro tema importante para ser tratado aqui e que foi desenvolvido a partir de Descartes. Sujeito x objeto não existiram sempre. Sujeito é uma coisa muito recente na história do homem. Por exemplo, sujeito, na acepção forte do termo começou somente no Renascimento. Foi só no Renascimento, tanto no italiano quanto no flamengo, que surgiu o retrato, o grande retrato. Quer dizer, o indivíduo se torna muito forte. Esse indivíduo não existia antes. A partir de então surgem as biografias, não do rei, não do príncipe, não do santo, porque não são biografias de indivíduos, são processos de universalização do indivíduo, teologização do indivíduo; mas, de repente, surgem, simplesmente, as aventuras de um homem, como Marco Polo, por exemplo, que são entendidas enquanto aventuras desse homem, completamente destituído do mundo sobrenatural. Então, surge a biografia moderna, que se vai desenvolvendo e a literatura romanesca dos séculos XVIII, XIX está na base, como vocês sabem, de toda a Psicanálise.

Esse indivíduo não existiu sempre. É claro que os gregos quando inventaram a democracia já haviam conseguido, pela primeira vez na história, um certo exercício da liberdade, mas a Filosofia Política grega, em seus escritos, não fala em liberdade. Toda a literatura grega sobre a liberdade se restringe a algumas poucas linhas na *Ética* de Aristóteles. Ninguém viu na liberdade um problema, e os gregos, que problematizavam praticamente

tudo, não perceberam isso. Apenas nos tempos modernos é que a liberdade começou a se tornar um problema, e um problema, de fato, contundente, porque vai coincidir com a asserção do individualismo ferrenho, atroz, no qual estamos ainda hoje.

Então, surge esse indivíduo, sujeito, e surge, há mais tempo aliás, a categoria de objeto, que também é uma conquista histórica: o objeto vai se impondo e o sujeito vai se impondo. A novidade de Descartes, é que ele foi o primeiro autor a analisar a pertença ou o pertencimento entre sujeito e objeto. Sujeito só há para o objeto e o objeto só existe para o sujeito. Nessa relação o objeto não é a coisa. Ele não diz isso exatamente, mas ele faz isso exatamente. Então, no século XX, vai-se fazer a distinção clara entre objeto e coisa. Mas a coisa não é o objeto. A coisa passa a ser o objeto na medida em que começa a ser elaborada, fabricada, de algum modo, pelo homem. Então, o homem pisa o barro, elabora-o e faz uma peça de cerâmica, começa mais ou menos por aí. Isso é fundamental para entender a Ciência do nosso tempo.

Descartes vai dizer que para conhecer as coisas confusas, complicadas, nós temos de reduzir a realidade a idéias simples. E essas idéias simples são claramente detectáveis e reconhecíveis. Então, a água passa a ser, por exemplo, H₂O. Esse H₂O são compostos de elementos supostamente simples e, depois que eu tenho os elementos separados, reconstruo a água e chego a H₂O, quer dizer, o objeto é justamente essa coisa que se mantém em relação ao sujeito. Há dois grandes autores, nos tempos modernos, que estudam essa passagem da coisa para o objeto e a relação com o sujeito: são justamente Descartes e Kant.

A partir daí, é muito curioso, começa a haver sempre um entranhamento muito grande entre sujeito e objeto, quer dizer, a natureza, para nós, não é uma coisa exterior a nós mesmos quando ela é o objeto da minha ganância. Ela me pertence de algum modo. Isso é um pressuposto fundamental e é por aí que podem acontecer, inclusive, as aberrações. Isso vai tão longe no pensamento moderno que a relação sujeito-sujeito é reduzida a uma relação sujeito-objeto. E o primeiro autor a colocar todo o problema da intersubjetividade numa urgência fantástica, e que hoje pertence ao beabá de qualquer manual da Psicologia, foi Hegel, na famosa *dialética do mestre e do escravo*. É uma luta entre consciências, uma consciência vence e reduz a outra consciência à condição de escravo,

ou seja, de objeto, que está completamente à disposição do sujeito. E o interessante na dialética hegeliana é que, justamente pela redução do sujeito ao objeto, eu posso me tornar realmente um sujeito. É um processo histórico que está na base, por exemplo, de toda luta de classe, tal como foi desenvolvida, logo depois, pelo pensamento marxista.

Vejam bem que toda essa problemática mostra que há esse pertencimento entre sujeito e objeto, é uma conjunção, uma junção muito radical entre sujeito e objeto. E todo o drama ecológico vem da necessidade de entender essa interseção, o entrelaçamento desses dois elementos. Claro que a situação fica muito mais grave com a Revolução Industrial porque aí aconteceu algo extraordinário. Essa revolução adensou ainda mais a dicotomia sujeito-objeto, que é tão fundamental, que, pode-se dizer, hoje toda a realidade é ou sujeito ou objeto. Não há mais nada acima, um Deus, por exemplo, ou anjos. Não há mais nada acima do sujeito e do objeto e não há mais nada abaixo do sujeito e do objeto.

O próprio planeta Terra é um objeto e, como todo objeto, está simplesmente à disposição do homem e nós não podemos mais sair dessa máquina quase que infernal. Toda a realidade é sujeito e objeto. E a minha relação com o outro, Sartre explicou isso muito bem, na minha relação com o outro, que é um sujeito, sempre há presente um conflito, e a minha tendência, se eu sou mais forte, é reduzir o outro à condição de objeto. Isso faz parte, mais ou menos, da paisagem humana de nosso tempo. E essa idéia de ser não é uma questão filosófica, simplesmente, ela se embrenha em todo comportamento, em todos os modos, em todas as atitudes do comportamento humano.

Mas a coisa, hoje em dia, complica-se um pouco mais com a presença da Revolução Industrial. Nem vou entrar aqui no tema, justamente porque pela Revolução Industrial acontece um fenômeno extraordinário, que é a máquina entendida por Marx. Não é ele o primeiro a entender a máquina assim, a partir de parâmetros de ordem biológica, quer dizer, a máquina prolonga, num primeiro momento, os membros do homem, como a roda da locomotiva, por exemplo, prolonga as articulações, e, num segundo momento, o computador como o cérebro do homem.

Ora, isso foi uma revolução fantástica, extraordinária, porque a máquina é entendida, precipuamente, a partir do elemento biológico e essa interpretação é mais

ou menos universal em nosso tempo. Isso quer dizer que a máquina pertence ao corpo do homem. E esse corpo do homem passa por duas transformações, segundo Marx numa nota de pé de página de *O Capital*, passa por duas transformações básicas: em primeiro lugar, torna o corpo do homem maior. É claro que a pá sempre prolongou a minha mão, mas, de repente, é o guindaste que prooonga o corpo. Fantástico. É uma escavadeira. Quer dizer, que a mão do homem se agiganta, que o corpo do homem torna-se muito maior. E, de outro lado, esse agigantamento torna o homem imensamente mais poderoso. Uma outra conseqüência é que a capacidade de produção do homem foi multiplicada quase que ao infinito.

O homem nunca trabalhou tanto na vida. O trabalho, no passado, sempre era conseqüência do pecado, um castigo, fugia-se do trabalho. Na Idade Média se trabalhava um terço do ano, o resto era feriado, era dia santo. Na Grécia, trabalhar era apenas para escravo, cidadão não trabalhava; mas, nos séculos XVIII e XIX, justamente com a Revolução Industrial, e na base do cacete da polícia, porque ninguém estava acostumado a trabalhar, foi que o homem começou a ter a disciplina para o trabalho. E ele nunca trabalhou tanto quanto nos dois últimos séculos, nunca produziu tanto como nos dois últimos séculos, nunca. No entanto, a distribuição da riqueza continua, como no passado, a ser a grande ferida da sociedade no sentido de que não se consegue nunca atingir o estatuto minimamente humano, minimamente decente de distribuição da riqueza. E aqui surgem conflitos gravíssimos que afetam brutalmente a questão ecológica, a questão ambiental. Isso é conseqüência da máquina, da Revolução Industrial e se faz de um modo pungente, de um modo muito sério. Nós estamos tão envolvidos com problemas, com conflitos de tantas ordens, que não conseguimos mais calcular, com toda clareza, a situação em que o homem vive. Heidegger, por exemplo, diz que a velha admiração dos gregos, que afirmavam que tudo começa com a admiração, com o espanto, o homem vendo as coisas como se as visse pela primeira vez, essa admiração já não funciona mais. Ele sugere uma outra palavra, que não dá nem para traduzir, é “estatelamento”, é a perplexidade. Essa perplexidade vem, como pensa Heidegger, e eu discordo dele, pela penúria do tempo. Ao contrário, penso que ela vem da riqueza do tempo. A arte, por exemplo, nunca foi tão rica quanto em nosso tempo, a Ciência nunca foi tão rica quanto em nosso tempo. Temos de pensar que, no tempo de Kant, o século XVIII, só havia uma ciência, a Físico-Matemática que estava só nos seus incios. Hoje

são milhares de ciências e sub ciências que vão se desdobrando, quer dizer, há um panorama fantásticamente vasto, importantíssimo. E é dessa riqueza da Ciência ou da Arte que surge toda essa perplexidade. Por quê? Porque o homem nunca criou tanto, nosso mundo é profundamente criativo. Não é aquela coisa mecânica como pretende Marcuse ou certos autores, pelo contrário, é profundamente criativo. Nunca houve tantos estímulos.

O passado é que era repetitivo. Cada época tinha a sua arte, o seu estilo e era sempre repetitivo, e tinha sempre a mesma coisa, e tudo ia sempre pelos mesmos caminhos: o gótico é o gótico, o grego é o grego. No nosso tempo os caminhos se fizeram múltiplos, numa diversidade fantástica e extraordinária. Claro que nunca se gastou tanto talento inutilmente também, e isso dá para entender. Mas, de qualquer maneira, é fundamental porque há uma riqueza de linguagens à disposição do homem e, no entanto, veja a exigência da criatividade, para dar o exemplo da arte. Quando um artista termina uma exposição de pintura, por exemplo, não tem caminhos pré-fixados, não há caminhos que possam dizer como ele vai continuar. O grande problema para o artista hoje é justamente seguir caminhos. O grande problema é plagiar-se a si próprio, porque, quando o artista se plageia a si próprio, ele se esteriliza. Ele tem de se reinventar sempre, e reinventar de um modo muito radical. Quando ele pinta um quadro, ele tem de criar, inclusive, a estética, não uma estética teórica, filosófica, mas a estética inerente a esse quadro que ele está fazendo e que não vale para o próximo quadro que ele fará. É uma exigência de originalidade, de uma radicalidade extraordinária.

Isso vale também para a Ciência. O homem nunca dominou tanto a realidade através da prática e, também, sobretudo, através da teoria. Só que é curioso, a essência da ciência é o cálculo, é a matemática. Tudo deve ser, em princípio, calculável, esse cálculo do real é o grande trunfo, a grande chave para entender, de fato, o sucesso de todas as ciências da natureza. Mas o homem, que consegue calcular tanta coisa, hoje não consegue mais calcular o caminho para o qual toda essa ciência o está levando.

Há poucos dias, um amigo meu, físico, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, me dizia que não se pode saber o que vai acontecer na eletrônica daqui a oito anos, não dá para calcular; só podemos calcular as coisas mais grosseiras, mas o que vai acontecer tornou-se imprevisível para o cientista. Isso quer dizer, que a ri-

queza é tão grande e, ao mesmo tempo, deixa o homem tão desarmado. Desarmado em função daquilo que ele próprio cria. E o resultado não é mais a admiração, mas uma espécie de “estatelamento”, uma perplexidade que me leva a perguntar, mais uma vez: mas, afinal, para onde é que nós estamos indo? Para onde é que está nos levando toda essa máquina do mundo? E parece que não tem princípio nem fim, e nos engloba completamente, engloba-nos de um modo radical.

Vocês estão entendendo como se colocam as questões do meio ambiente, da ecologia, hoje? Não é uma questão isolada, foi isto que eu tentei dizer. É uma questão que está no cerne de todas as coisas, porque se reduziu toda a natureza a um objeto. O próprio planeta Terra, já se calcula a possibilidade, caso um meteoro gigante colidir com ela, de desviá-la. Teoricamente isso é possível, quer dizer, é fantástico, é um objeto que está aí à disposição do homem. Tudo é objeto e eu posso me intrometer nesse objeto. O fundamental é que nós estamos dentro dessa engrenagem já, e não podemos deixá-la de lado como se deixa de lado uma camisa suja, porque não é sujeira, inclusive, é outra coisa, é a evolução da humanidade. A questão toda está justamente em assumir esse problema todo, ainda que de um modo tão perplexo, tão “estatelado”, tão desmesurado. Nós estamos dentro dessa situação e não podemos, de fato, fugir dela.

A partir daí surge um novo problema, no meu entender, gravíssimo que vou desenvolver a partir de agora, (é claro que eu estou falando, em tom de aula inaugural, de forma excessivamente generalizante) o da política. O homem não é originariamente político (só num sentido muito larval, embora político também). Com a propriedade privada, digamos, por aí começa a política, começam as brigas de vizinhos. A guerra é o agente de tudo, como já dizia Heráclito lá na Grécia. Quer dizer, a política é fundamental para a análise das questões ambientais e desses problemas todos. A política é só uma coisa, ou melhor, duas, é a ciência e a arte. É ciência e arte de saber assumir a responsabilidade do real. O ser social, político não pode ser ignorante, ele tem de saber o que é esse real. Tem de haver uma ciência da política que se redobra numa ciência da própria realidade social em que está o homem e tem de haver arte, a *técne*, tem que haver meios, são variegados sempre, e esse saber pode ser aplicado à realidade. Essa ciência é ato de equilíbrio entre essas duas coisas. É todo o segredo, talvez, da atividade política. E isso tudo faz sentido apenas na medida exata

do que eu disse há pouco, de que todos se deixam envolver pelo sentido da necessidade de responsabilidade.

O indivíduo nunca é só ele mesmo, o individualismo é um bem, no meu entender, absolutamente necessário, porque sem individualismo não se realiza o sujeito, a subjetividade, liberdade. Quer dizer que o individualismo é necessário, surgiu historicamente e seu fruto imediato foi justamente a liberdade. A subjetividade, é a riqueza do indivíduo. Sartre tem uma frase que eu gosto muito de dizer: “nós estamos assistindo hoje, diz ele, ao nascimento do mundo”. Esse nascimento do mundo é que dá sentido a toda a ciência, à tecnologia, à arte e a tudo. Esse sentido profundo está naquela palavrinha usada por Descartes, naquela carta, que é *comodidade*, é *conforto*, compreendida num sentido amplo. O entrosamento do homem com o mundo tem de fazer da morada do homem, que é essa Terra, um lugar, de fato, aprazível. Os gregos sabiam disso de certo modo. Aristóteles, por exemplo, disse: “a ação virtuosa, se não produz a felicidade imediata, não vale nada”. E eu só posso fazer uma ação boa com esse tom, imediato. Não há bem-aventurança eterna, isso acabou. A boa ação mostra imediatamente o seu rosto, que é exatamente este: o conforto da felicidade de uma vida prazerosa. Então, todos esses conflitos que surgem, e não se deve perder nunca isso de vista, têm de ser feitos justamente em função desse entrosamento do homem no mundo, como se o mundo fosse, como de fato é, a casa natural do homem.

Essa missão toda, essa problemática toda, eu estava dizendo, é essencialmente política, e aí está o novo impasse do individualismo, haja vista que Hobbes, no século XVII, dizia que o “Contrato Social” é um blefe, porque “o homem é o lobo do homem”, o homem precisará sempre de um rei e de um rei com um chicote na mão, porque ele não tem competência para gerir sua própria cabeça. Contra essa visão aristocrática antiga, digamos religiosa, teogônica, da necessidade de ter um rei, coloca-se a democracia. É importante lembrar que a revolução tecnológica e a revolução política nasceram ao mesmo tempo. A máquina é uma coisa profundamente democrática, como por exemplo, o relógio. Quer uma coisa mais democrática, hoje, do que o relógio? Você pode comprar um relógio Cartier, cheio de brilhantes, mas é bobagem, perda de tempo, vai ser roubado, não vale nada, em última análise. Ele funciona tão bem quanto o relógio vendido pelo camelô da esquina, com a mesma perfeição. A máquina é, em princípio (claro que sempre tem as explo-

rações intermediárias a que o homem acaba sucumbindo, de certo modo, também) uma coisa democrática. A democracia, a liberdade, a ciência, o conforto no sentido amplo e bem entendido da palavra, são coisas que andam juntas e fazem um todo. Vou dar outra definição de política, agora, para concluir: é a ciência do imponderável. A política é a ciência do imponderável, porque o político é obrigado a fazer o seu cálculo, seu projeto: ele calcula, faz o projeto e prevê certas coisas. E a execução? Como é o futuro? Funciona? Não dá! É imponderável! O projeto de Brasília, por exemplo, gerou outra coisa, que o projeto original não previa. O projeto é insuficiente. Nesse caso específico, o que está mudando não é só o projeto original, é a própria natureza da cidade de Brasília que se vai modificando aos poucos. É claro que o cálculo político é necessário, vejam bem, é necessário, mas há o imponderável quando ele sai, quando ele escapa, quando escorre entre os dedos das mãos do político e segue seu próprio caminho. E aí está a grandeza da política, essa característica da política como algo que encerra uma probabilidade fantástica; não é uma deficiência da política é o modo humano de fazer política (de certa maneira é, também, a excelência da política). E toda luta ecológica está aí situada, porque, como é que vamos resolver as questões fulminantes do nosso tempo, como, por exemplo, a explosão da espécie, excesso de população, o problema da fome? Como é que se resolvem essas questões sem uma ciência e uma tecnologia altamente desenvolvidas? É impossível. Como deve ser o relacionamento do homem com a natureza para se resolverem todas essas coisas? Tem-se de se fazer uma previsão fantástica. Eu posso fazer, por exemplo, desculpe (*risos*), uma economia de mercado, sem atender aos chamados serviços essenciais? Não tem sentido. É falta de previsão. É um fracasso. É um fracasso, hoje internacional, pela globalização. Acaba sendo um fracasso internacional porque é impossível, porque tem-se de se fazer, de fato, uma previsão. No entanto, os caminhos da previsão são, unicamente, aqueles imponderáveis, como eu falei há pouco. Mas sem esse cálculo tonto, aí está a esperança política do homem, sem esse cálculo tolo, que aliás, começa pelo planejamento da família, não se pode construir uma sociedade. A partir daí se pode entender toda a complexidade da temática ambiental. Ela é camaleônica, é sempre outra que não ela mesma, cada dia tem uma aparência diferente. Falta uma coisa aqui, falta uma coisa lá. De repente há um buraco enorme aqui, que surgiu não se sabe bem de onde, mas surgiu, provocado pela própria

mão do homem. E aquilo tudo tem de ser sanado. É uma luta constante. E essa responsabilidade política, no meu entender, é a essência mesma de todo ato ecológico e de toda ação relativa ao meio ambiente.

Muito obrigado.